



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

História Oral: diálogos com a Pedagogia do Movimento (MST)ⁱ

Oral History: Dialogues with the Pedagogy of MST

Ozana Luzia Galvão Baldotto

Orcid: 0000-0002-5066-8928

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil, Email: ozanabaldotto@gmail.com

Ailton Pereira Morila

Orcid: 0000-0002-5080-3819

Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, ES, Brasil, Email: apmorila@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2026v9n1ID42110

Citação: Baldotto, Ozana Luzia Galvão; Morila, Ailton Pereira. (2026). História Oral: diálogos com a Pedagogia do Movimento (MST), *History of Education in Latin America - HistELA*, 9(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/42110>

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Editora: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Recebido: 15/11/2025

Aprovado: 26/07/2026

OOPEN ACCESS

Resumo

O artigo traz um recorte das pesquisas: “Trabalhadores em Movimento: trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo” e “Educação do Campo em movimento: dos Planos à ação pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)”, vinculadas ao Núcleo de Estudos Críticos – Prometheus (CEUNES/UFES). Objetiva analisar a Pedagogia do MST como eixo articulador das duas pesquisas. Utiliza-se a metodologia oral temática, com a participação de educadores, estudantes, famílias e lideranças comunitárias. Os resultados revelam um fazer pedagógico orientado por construções curriculares que fortalecem um projeto educativo comprometido com a valorização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo em seus distintos territórios.

Palavras-chave: Docência. Diálogos. Territórios.

Abstract

This article presents a selection from the research projects: “Workers in Movement: the trajectory of the MST and Education in/of the Countryside in the North of the State of Espírito Santo” and “Rural Education in Movement: from Plans to Pedagogical Action in Multigrade Schools and Early Years of São Mateus and Jaguaré (ES)”, linked to the Center for Critical Studies – Prometheus (CEUNES/UFES). It aims to analyze the MST's pedagogy as the articulating axis of both research projects. The methodology employed is thematic oral presentations, with the participation of educators, students, families, and community leaders. The results reveal a pedagogical practice guided by curricular constructions that strengthen an educational project committed to valuing rural workers in their diverse territories.

Keywords: Teaching. Dialogs. Territories.

Introdução

O termo Educação do Campo foi provocado a partir do primeiro Encontro Nacional de Educadores(as) da Reforma Agrária (Enera), realizado em 1997, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Universidade de Brasília - UNB, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Na sequência, a I Conferência Por Uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998, em Luziânia-GO, representou o alinhamento das discussões iniciadas no I Enera e a ratificação do Movimento pela Educação do Campo (Baldotto, 2016).

Em 2004, com a II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo, definiu-se a ampliação de novos caminhos de luta, sinalizando a construção de um processo histórico da educação, conduzido e organizado pelos sujeitos sociais dos diversos territórios campestinos (Baldotto, 2016).

Nesse trilha das discussões por Educação no/do campo, o MST possui uma atuação imprescindível, impulsionando essa pauta como direito do trabalhador em seus diversos territórios.

Este texto se configura a partir do recorte de duas pesquisas realizadas a partir de 2010, por meio do Núcleo de Estudos Críticos – Prometheus, vinculado ao CEUNES/UFES. A pesquisa “Trabalhadores em Movimento: trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo”, realizada em 2010 como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da especialização vinculada ao Programa de Pós – Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES / UFES) e a pesquisa intitulada “Educação do Campo em movimento: dos Planos à ação pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)”, defendida em 2014, como trabalho de dissertação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB), Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES / UFES) que trazem como metodologia a história oral temática.

Este texto configura-se a partir do recorte de duas pesquisas realizadas a partir de 2010, por meio do Núcleo de Estudos Críticos – Prometheus, vinculado ao Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES/UFES). A primeira, intitulada “Trabalhadores em Movimento: trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo”, foi desenvolvida em 2010 como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da especialização vinculada ao Programa de Pós-

Graduação em Ensino na Educação Básica do CEUNES/UFES. A segunda, “Educação do Campo em movimento: dos Planos à ação pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)”, defendida em 2014 como dissertação de mestrado no mesmo programa. Essas pesquisas trazem como metodologia a história oral temática, envolvendo o diálogo com educadores, estudantes, famílias e lideranças comunitárias.

Em específico, este artigo tem como objetivo analisar a Pedagogia do MST como eixo articulador das duas pesquisas, destacando suas complementaridades nas narrativas dos interlocutores. Como recorte desses trabalhos, são analisadas as narrativas que evidenciam a Pedagogia do Movimento nas escolas de assentamentos do norte do Espírito Santo.

Este artigo destaca a “Metodologia”, que evidencia a realização de pesquisas por meio da história oral; na sequência aborda sobre “Que escola é essa em território de assentamento?” Que engloba a memória e contextos da Pedagogia do Movimento; logo após o subtítulo, “História Oral: diálogos e experiências com as escolas de Assentamentos – MST” evidencia a Proposta Político Pedagógica das escolas de assentamento do Espírito Santo; finalizando com as considerações finais.

Metodologia

Nos diálogos realizados por meio da história oral, a Pedagogia do Movimento surge, como uma educação que se consolida a partir das vivências, culturas e saberes dos trabalhadores e trabalhadoras dos territórios de assentamentos do MST. Essas narrativas estão inseridas nas pesquisas “Trabalhadores em Movimento: trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo” (2010) e “Educação do Campo em movimento: dos Planos à ação pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)” (2014), que trazem os pesquisados como autores nos processos narrativos, considerando a ética da pesquisa para a identificação de cada participante.

As narrativas em história oral representam a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, em que o registro das narrativas de um povo nos possibilita a produção interpretativa da história, da cultura e do modo de vida. E nesse estágio, a memória se configura como a principal fonte de história, uma vez que os saberes e tradições podem ser transmitidos pela oralidade.

Em termos gerais, a memória narrada representa uma forma de oralidade que permite a transmissão dos saberes, costumes, crenças e modos de vida vivenciados. Os registros dessas narrativas são passos fundamentais para a produção das fontes históricas sobre o modo de vida (Thum; Foerste, 2020).

Destarte, Freire e Guimarães ressaltam que o papel primordial da ideologia dominante está em “[...] ocultar verdades que, desveladas, desnudas, criam dificuldades às classes dominantes. Na medida em que há uma eficácia na ocultação, há um resultado imediato, que é a falta de memória [...]” (2021, p. 32). Nessa conjuntura, a história oral potencializa os sujeitos que vivenciaram os diversos contextos históricos e foram invisibilizados pela “história contada” nos livros escolares.

Thompson (1992) destaca que a história oral suscita novas versões da história ao permitir voz a múltiplos e diferentes narradores. Trata-se de um projeto que possibilita fazer da história uma atividade que envolva a diversidade de sujeitos e complementa que “[...] propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo

das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram” (Thompson, 1992, p. 19).

Nessa perspectiva, as pesquisas possuem como ponto em comum o diálogo com educadores, lideranças comunitárias, famílias e estudantes sobre a educação das escolas de assentamentos. Trazem narrativas realizadas no contexto da história oral temática, que expressam memórias de lutas e resistências por educação em território de assentamento.

Desse modo, a história oral como fonte da pesquisa não só possibilita os testemunhos das pessoas que viveram o contexto histórico, mas também permite o “preenchimento de espaços capazes de atribuir sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram dilemas e benesses da vida no presente” (Meihy, 2000, p. 24).

O testemunho oral permite esclarecer ou retomar trajetórias individuais e de movimentos coletivos que foram esquecidos ou menosprezados. Essas situações permitiram inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (Ferreira; Amado, 2006). Dessa forma, “a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (Alberti, 2005, p. 155).

Outrossim, faz-se necessário evidenciar que o objeto da história oral é o (a) narrador (a) em diálogo com o/a pesquisador/a, e nesse caso a presença do pesquisador durante a entrevista torna-se fundamental por estimular a interação e manter o processo dialógico.

Na trajetória das pesquisas, os/as narradores/as representaram os “sujeitos ativos” no transcurso investigativo sobre a educação em territórios camponeses e as narrativas estabelecidas constituíram o corpus documental que contribuíram com a pesquisa.

A metodologia história oral temática possibilita o diálogo aberto sobre o tema pesquisado, por permitir ao colaborador plena liberdade para falar sobre o assunto. Dessa forma, os diálogos realizados com os sujeitos da pesquisa consistem em entrevistas abertas e gravadas com pessoas que testemunharam sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (Meihy; Holanda, 2014).

Na pesquisa “Trabalhadores em Movimento: trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo”, os diálogos foram realizados com educadores de escolas de assentamentos do norte do estado — Maria Zelinda Gusson, Magnólia de Souza Maia e Valdinar dos Santos —, assim como com o Bispo da Diocese de São Mateus, Dom Aldo Gerna, e o agricultor João Marré, que atuou no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Venécia na década de 1980. Todos os participantes acompanharam o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região, contribuindo de forma significativa para sua consolidação.

Já a pesquisa “Educação do Campo em Movimento: dos Planos à Ação Pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)” foi realizada em seis escolas, com foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo três unidades em Jaguaré/ES — duas em territórios de agricultura familiar e uma em assentamento — e três em São Mateus/ES — uma em assentamento, uma em território quilombola e uma em região de pesca.

A experiência com história oral na educação representa um (re)contar a história por meio dos atores que a vivenciaram em outras situações e posições da história.

Resultados e Discussões

A Pedagogia do Movimento afirma-se como uma prática político-pedagógica que emerge das lutas sociais, valorizando as identidades camponesas e produzindo conhecimento a partir das experiências coletivas dos assentamentos e acampamentos do MST. Nesta seção, serão apresentadas duas pesquisas que, apoiadas na metodologia da história oral, problematizam a Pedagogia do Movimento como fazer educacional construído pelos sujeitos organizados e inseridos na trajetória do MST.

O estudo “Trabalhadores em Movimento: Trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo” investigou a história do MST e o fazer pedagógico nas escolas de assentamento, analisando a relação entre a Pedagogia do Movimento e a trajetória do Movimento. Já “Educação do Campo em Movimento: dos Planos à Ação Pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)”ⁱⁱ examinou o processo de ensino-aprendizagem a partir da Pedagogia da Alternância em escolas dos municípios de Jaguaré e São Mateus, incluindo unidades localizadas em assentamentos.

As pesquisas evidenciam como pontos que se entrelaçam, a utilização da metodologia história oral temática e o diálogo com interlocutores sobre o fazer pedagógico das escolas localizadas em territórios de assentamentos no norte do Espírito Santo, ou seja, acontece o diálogo sobre a Pedagogia do Movimento (MST).

Que escola é essa em território de assentamento?

O primeiro contato com a história oral, foi por meio do ingresso no Curso de Pós-Graduação lato sensu - Especialização em Ensino na Educação Básica ofertado em 2010, sob a orientação do Prof. Dr Ailton Pereira Morila. Essa formação representou o início da pesquisa com história oral que seria, posteriormente, socializada com os sujeitos-participantes do trabalho intitulado “Trabalhadores em Movimento: Trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo”.

A pesquisa teve início em 2010, com o objetivo de conhecer a educação das escolas de assentamento, contudo, o trabalho foi entrelaçado pela memória coletiva de luta e resistência do MST no Espírito Santo. Movimento Social, com uma trajetória intensa que permeia a luta por direitos dos diversos povos que vivem e constroem seus saberes na terra conquistada, entre esses direitos a educação condizente com a classe trabalhadora.

A discussão por Educação, no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem origem na década de 80, período em que ocorreram as ocupações de terra no país e o surgimento das primeiras ações educacionais nos acampamentos e assentamentos.

A preocupação com o ensino nas escolas de assentamentos surge da necessidade de ter escola no território, como destaca Valdinar dos Santos:

É por que aí, a educação na verdade surge junto com a luta pela terra, com o, o MST. Surge também essa preocupação com a educação, que fosse diferente daquilo que se tinha naquele período, que aí as pessoas que vivenciaram relatam sempre isso. [...] Bom se o assentamento estava distante de um local de escola? O que fazer? Como fazer para as crianças terem acesso à escola? E tendo acesso à escola, se o assentamento era algo diferente, a escola também, logo tinha que ser também com essas características, não podia ser essa coisa que também reforçava o sistema que sei lá, que tinha excluído o cara da casa dele, do trabalho dele, da... (pausa). Então a escola tinha que ser algo diferente, que a organização estava propondo e com isso então, a

educação cresce, nasce junto com o Movimento Sem Terra, com essa preocupação: a escola tem que ser diferente para os educandos [...] (Santos, 2010, grifo nosso).

A busca era por uma educação que fosse diferente daquela que existia, como destaca a educadora Maria Zelinda Gusson (2010), “[...] a pergunta todo dia no quadro era: Que tipo de educação eu quero para o meu filho? Então quer dizer que ela iniciou antes de iniciar o assentamento, antes de iniciar o acampamento”.

Nessa caminhada, em 1987, acontece a formalização do Setor Nacional de Educação do MST, com a realização do 1º Encontro Nacional de Educação realizado pelo MST, no município de São Mateus – ES. O encontro abordou como tema central: “O que queremos com as Escolas dos Assentamentos/Acampamentos”, no qual foram propostas várias linhas políticas, contemplando os objetivos e os princípios norteadores das Escolas dos Assentamentos/Acampamentos no Brasil (Morissawa, 2001).

Como o Espírito Santo também é um dos primeiros Estados a começar a luta pela terra, enquanto MST, [...]. Quando então acontece o 1º Encontro Nacional, onde se define um pouco o que queremos com as escolas de assentamento. [...] E aí se tira uma definição a nível nacional, tirando aí os princípios, os objetivos que prevalecem até hoje. Que hoje é aquele livrinho vermelho “O que queremos com as Escolas de Assentamento”, e que já no caso Zelinda participou. Algumas pessoas que aqui no Estado tocou o Setor de Educação, ajudou a coordenar até os dias de hoje, podemos dizer ainda né, por que quando temos alguma dúvida, recorremos a essas pessoas [...] (Santos, 2010).

Neste encontro, educadores de vários estados fizeram discussões referentes aos objetivos e identidade das escolas de assentamentos, além da socialização das experiências de educação realizadas nas escolas dos diversos estados em que o Movimento estava organizado. O objetivo central do seminário foi discutir os princípios norteadores da proposta de educação em âmbito nacional, já que experiências isoladas vinham sendo desenvolvidas em alguns estados do Brasil.

Em 1988, como resultado do 1º Encontro Nacional de Educação, o MST estruturou o Setor de Educação em diversos estados, visando atender às demandas educacionais presentes nos assentamentos e acampamentos. Essa ação estava em sintonia com a deliberação do 4º Encontro Nacional dos Sem-Terra, realizado no começo daquele ano, que buscava expandir o acesso à educação primária popular e promover a alfabetização de jovens e adultos (Morissawa, 2001).

O MST possuía como foco a articulação de um trabalho educacional em que o currículo partisse do contexto local dos estudantes, que envolvesse a formação política de seus militantes, em integração com o trabalho.

Nessa direção, várias discussões e formações aconteceram com o objetivo de construir uma escola com currículo que valorize as identidades, os saberes e culturas dos povos assentados. Santos (2010) frisa que de uma pergunta que as famílias fizeram e a participação na discussão, que proporcionou ter essa escola,

[...] com essa pedagogia diferente, com esse olhar diferente para a educação, para as crianças, para o trabalho, para a terra, para os valores. Enfim, de um grupo de pessoas que, talvez possa-se usar o termo ‘perdido’, que não tinha para onde ir, abandonado pelo sistema, excluído de tudo, mas que provoca uma nova pedagogia aqui no Espírito Santo, sendo referência até a nível nacional (pausa) (Santos, 2010).

Afirmava-se a escola como política, sendo reconhecida como parte fundamental de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento na formação de seus sujeitos.

Nas discussões e estudos, diversos materiais foram produzidos sobre a educação das escolas de Acampamentos e Assentamentos conquistados pelo MST, o que possibilitou a organização da edição especial o “Dossiê MST Escola”. Esse documento traz a produção teórica específica sobre o Ensino Fundamental, norteando o trabalho do Setor de Educação do MST e consequentemente, das Escolas de Acampamento e Assentamento:

Antes de 1990, tivemos diversas práticas e alguns registros que permitiram iniciar esse processo de sistematização que continua até hoje; depois de 2001 nossas produções e publicações nacionais estiveram mais voltadas para outras frentes de atuação do Setor, como a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Infantil (Setor de Educação do MST, 2005, p. 5).

Assim, o objetivo das escolas de assentamento a partir das discussões com a temática “O que queremos com as Escolas de Assentamento”, posteriormente, inserido no Dossiê, destaca que a escola deve: “ensinar a ler a escrever e a calcular a realidade; ensinar fazendo, isto é pela prática; construir o novo; preparar igualmente para o trabalho manual e intelectual; ensinar a realidade local e geral; gerar sujeitos da história; preocupar-se com a pessoa integral” (Setor de Educação do MST, 2005, p. 34).

A construção dos princípios filosóficos e pedagógicos da educação do MST foi sistematizada a partir das discussões que envolviam famílias, educandos e educadores, tendo como base a organização do trabalho desenvolvido no âmbito do MST. A estrutura desse trabalho foi organizada da seguinte forma: cada escola indicava dois representantes para formar o Setor Regional de Educação, este designava dois membros para compor o Setor Estadual de Educação que, por sua vez, elegia dois representantes para o Setor Nacional de Educação do MST (MST/ES, 2015). O Setor Estadual possui a tarefa de orientar, proporcionar a formação político pedagógica dos educadores, estudantes, famílias e comunidades em áreas de Reforma Agrária MST/ES, fazendo intercâmbio entre os órgãos governamentais e os assentamentos.

A luta do MST foi caminhando para além da luta pela terra, englobando mudanças gerais na sociedade, tendo a educação como uma porta para consolidação dessas mudanças.

Nesse contexto, Caldart (2012) destaca que nas lutas organizadas de forma coletiva no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o sujeito sem-terra se educa na relação com a terra e com outros sujeitos. O Movimento se constitui como matriz pedagógica das práticas concretas de formação dos sem-terra, não estruturando uma nova pedagogia, mas inventando um novo jeito de lidar com as pedagogias já construídas na história da formação humana (Caldart, 2012).

Em outros termos, a Pedagogia do MST dinamiza a própria pedagogia, mobilizando e incorporando, em sua dinâmica (organicidade), diversas e combinadas matrizes pedagógicas (Caldart, 2012). O MST envolve, movimenta e transforma diferentes componentes educativos, construindo uma síntese pedagógica diferente de qualquer outra pedagogia já proposta, justamente porque a referência de sentido pedagógico está no próprio Movimento (Caldart, 2012).

Ao afirmar que a pedagogia refere-se ao jeito de conduzir a formação de um ser humano, Caldart (2000), evidencia as matrizes pedagógicas como algumas práticas ou vivências fundamentais no processo de humanização das pessoas, ou seja, no processo educacional.

Sem dúvida, ao estruturar uma educação relacionada ao contexto do movimento, o MST provocou um novo jeito de lidar com as matrizes pedagógicas já construídas ao longo da história da humanidade, utilizando-as e reorganizando-as de acordo com as exigências das situações específicas.

A mesma autora destaca que o MST se constitui como “sujeito pedagógico através de muitas pedagogias” e nas vivências educativas concretas (Caldart, 2012). Essas pedagogias, ao mesmo tempo que se articulam, em algum momento podem contradizer-se e a busca pela coerência, pode ser um desafio pedagógico. Por sua vez, somente a constante vivência e prática dessas matrizes no cotidiano pode possibilitar a compreensão (Caldart, 2012).

História Oral: diálogos e experiências com as escolas de Assentamentos - MST

Em 2014, a pesquisa intitulada “Educação do Campo em movimento: dos planos à ação pedagógica em escolas multisseriadas e anos iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)”ⁱⁱⁱ teve como objetivos contextualizar as propostas pedagógicas dos anos iniciais das escolas do campo e analisar o processo ensino e aprendizagem a partir da utilização dos elementos contidos nessas propostas em escolas dos municípios de Jaguaré e São Mateus, do Espírito Santo.

Como ponto congruente nas pesquisas realizadas, a Pedagogia do Movimento se concretiza como um amplo projeto, em que os sujeitos se reeducam com as experiências formativas vividas no interior do próprio movimento social.

Nesse íterim, o XXVII Encontro Estadual dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária do MST- ES, ocorrido no período de 03 a 06 de junho de 2015, no Centro de Formação Maria Olinda – CEFORMA – São Mateus/ES, sob a organização do Setor de Educação do MST do Espírito Santo, com aproximadamente 200 educadores(as) das escolas dos assentamentos, convidados de outras organizações e instituições do estado, trouxe como debate a organicidade da educação nas escolas de assentamentos.

O encontro trouxe como tema “Luta, conquista e educação popular nos 30 anos do MST/ES na preparação para o II Eneer”, com os objetivos: socializar experiências da Pedagogia do Movimento nas escolas de assentamentos do MST/ES; debater e refletir sobre a conjuntura estadual e nacional da educação e promover o intercâmbio entre as escolas e os educadores.

Esse encontro possibilitou a socialização das práticas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas de Assentamentos, fundamentadas na Pedagogia do Movimento. Para Maria Cristina Vargas, representante do Setor Nacional de Educação do MST, “as experiências apresentadas possuem elementos que apontam para uma nova forma de educação da classe trabalhadora” (Setor de Educação do MST/ES, 2015).

Assim, a construção das Diretrizes das Escolas de Assentamentos e Acampamentos da Rede Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo (em fase de aprovação)^{iv}, representa a sistematização de toda a trajetória pedagógica das experiências realizadas pelos educadores nas escolas de assentamento. Esse documento encontra-se em processo de análise pelas equipes da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU) em um processo que se estende desde 2015, ano em que aconteceu a pesquisa referenciada neste trabalho.

Assim como Caldart (2012) pontua, as Diretrizes das Escolas de Assentamentos e Acampamentos da Rede Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo também destacam que uma marca da Pedagogia do Movimento é a “sua capacidade de

dialogar com as pedagogias já construídas ao longo da história da humanidade: a Pedagogia da Luta Social, Pedagogia da Terra, Pedagogia da Organização Coletiva, Pedagogia da Alternância, dentre outras” (MST/ES, 2015, p. 34).

Nesse processo, o MST acaba integrando todas as estratégias pedagógicas em movimento, de forma que a própria situação educativa se encarregue de mostrar quais precisam ser evidenciadas em certos momentos do cotidiano educacional. Esse é o caso da Pedagogia da Alternância, como destaca Santos (2010):

Uma referência que o MST teve na educação também no início é que tínhamos aqui a experiência das Escolas Famílias Agrícolas (EFA's), ligadas ao MEPES^v e que o sistema de alternância, que já estava em funcionamento, que tinha uma pedagogia diferenciada das escolas tradicionais. Isso fez com que buscássemos nessa pedagogia elementos que pudessem juntar aos anseios que as famílias queriam nos assentamentos. Ou seja, a Escola Família foi uma referência no início para as escolas de assentamentos [...] (Santos, 2010).

O Educador destaca a formação realizada pelas Escolas famílias Agrícolas (EFA's) no Espírito Santo, com proposta pedagógica direcionada pela Pedagogia da Alternância nas etapas educacionais do ensino Médio e os anos finais do Ensino Fundamental, envolvendo os jovens e adolescentes com vínculo no meio rural.

Em 1969, por meio da ação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), foram inauguradas no Brasil, as primeiras Escolas Famílias Agrícolas. No norte do Espírito Santo, essas unidades escolares surgem a partir de 1972, sendo referência por contextualizar o meio familiar-comunitário e o meio escolar.

No Brasil, a expansão das EFA's contou com a forte presença de lideranças religiosas, com iniciativa da pastoral social das igrejas, sobretudo das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, ligadas à Igreja Católica (Begnami, 2004).

A implantação dessas escolas no Brasil, coincide com o período de modernização da agricultura, baseado na empresa agrícola intensiva. Porém, as EFA's surgiram com objetivo de formação técnica e social, voltada para a realidade dos agricultores, contribuindo para o aumento de condições de resistência ante o novo modelo de produção capitalista que avançava no campo (Baldotto, 2016).

Ao dialogar com a Pedagogia do Movimento, alguns elementos da Pedagogia da Alternância são inseridos na vivência curricular das escolas de assentamentos de acordo com os princípios do projeto de formação do MST.

Desse modo, o tempo escola e tempo comunidade se integram como dois espaços e tempos dialógicos na prática pedagógica. O tempo escola, refere-se ao momento em que os estudantes possuem aulas teóricas e práticas, com envolvimento de diversas atividades curriculares no cotidiano escolar. No tempo comunidade, o estudante realiza atividades relacionadas ao Plano de Estudo^{vi} (PE), às áreas do conhecimento, às práticas vivenciais, à pesquisa da realidade e experiências. Esses tempos se vinculam e se movimentam em um processo dialógico de correlação entre os conhecimentos populares e o científico, com retorno a família e a comunidade (MST/ES, 2015).

Na Pedagogia do Movimento, os Eixos Temáticos do currículo são estruturados por meio do diagnóstico do contexto local, regional, estadual e nacional, sendo definidos, no coletivo da escola. O eixo temático por ciclo e/ou série, considera o nível de compreensão e discussão dos estudantes. A partir da estruturação dos eixos temáticos são definidos os temas geradores, organizados um para cada trimestre do ano letivo (MST/ES, 2015).

As escolas de assentamento utilizam os seguintes elementos pedagógicos integrados entre si: Plano de Estudo (PE), Pasta da Realidade, Caderno de Planejamento e Reflexão, Atividades Vivenciais, Visitas às Famílias, Atividade de Retorno, Auto-organização dos Educandos, o Trabalho de Conclusão do Curso e a mística no cotidiano escolar.

Esse conjunto de elementos pedagógicos foi referenciado pelas narrativas, que expressaram uma diversidade de sentimentos que impulsionam o trabalho e a defesa do Projeto Político Pedagógico nas escolas de assentamentos.

Assim, baseado nas orientações da Pedagogia de Paulo Freire, os Planos de Estudos são organizados a partir dos Temas Geradores, que têm a finalidade de integrar as diversas estratégias dos processos de ensino e aprendizagem em eixos temáticos que representam a realidade social, econômica e organizativa dos estudantes. Em nota, Freire (1987, p. 56-57) destaca que:

Os temas, em verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos. Um mesmo fato objetivo pode provocar, numa sub-unidade epocal, um conjunto de “temas geradores”, e, noutra, não os mesmos, necessariamente. Há, pois, uma relação entre o fato objetivo, a percepção que dele tenham os homens e os “temas geradores”. É através dos homens que se expressa a temática significativa e, ao expressar-se, num certo momento, pode já não ser, exatamente, o que antes era, desde que haja mudado sua percepção dos dados objetivos aos quais os temas se acham referidos.

O Plano de Estudo (PE) é um movimento curricular orientado pela pesquisa dos estudantes e educadores a partir de temas geradores, articulando a realidade concreta, a integração familiar, a análise crítica do contexto socioeconômico, a valorização histórica e cultural da comunidade e ações voltadas à transformação social (MST/ES, 2015).

Lindomar Panni (2015) destaca que os Planos de Estudos na escola

[...] são feitos através de diagnóstico, e eles tem que estar relacionados a situações da comunidade e da família, por exemplo, sejam, eles, relacionados aos problemas das situações reais, não situações abstratas, e aí esses temas eles são tirados, através desses temas eles são transformados em conteúdo, a relação desses temas ele vai ser transformado em conteúdos científicos que vão ser trabalhados nas disciplinas, nas várias disciplinas que tem dentro das áreas de conhecimento [...] (Panni, L., 2015).

A Pasta da Realidade^{vii} é construída ao longo do período letivo e reúne registros e relatórios do Plano de Estudo, bem como atividades desenvolvidas em sala a partir de informações coletadas no meio familiar ou comunitário, incluindo questionários, sínteses da pesquisa, ilustrações, relatórios de atividades e novos questionamentos relacionados ao tema gerador. Além disso, a Pasta da Realidade possibilita ao educando refletir criticamente sobre a realidade em que vive, funcionando como fonte de pesquisa e orientação profissional (MST/ES, 2015).

O Caderno de Planejamento e Reflexão utilizado pelos estudantes, educadores e famílias para registrar as atividades no Tempo Comunidade e no Tempo Escola, com o objetivo de planejar atividades da escola em integração com a família como uma forma de juntos acompanharem o processo formativo do estudante em um contexto dialético (MST/ES, 2015).

O educador Edgar Soares dos Santos acrescenta que o Caderno de Reflexão representa um elemento de reflexão do estudante

[...] o Caderno de Reflexão escrita que é uma ferramenta essencial, foi até a nossa escola que debateu essa proposta que possui uma nomeação diferente. A gente levou para o setor, foi bem aceito e tal, então foi implantado essa proposta porque antes existia um Caderno de Acompanhamento, a gente quer além disso, quer que o menino reflita, quando o menino está escrevendo sobre ou comentando sobre a semana dele de estudos, ele precisa refletir o que foi importante para ele, ele precisa refletir avaliando o que foi negativo, o que precisa ser melhorado tanto na escola, como na família [...] (Santos, E. S. dos, 2015).

As atividades vivenciais são organizadas a partir de pontos da pesquisa que precisam ser aprofundados por meio de ações que contemplem outros espaços e momentos formativos. Os pontos de aprofundamentos representam as situações problemas e/ou dúvidas que foram levantadas pelos estudantes no cerne da pesquisa realizada. Essas atividades potencializam “[...] o contato com outros espaços/tempos formativos. São exemplos dessas atividades: visitas e viagens de estudo, palestras, oficinas, atividades de intervenção na realidade” (MST/ES, 2015, p. 40).

A visita às famílias permite conhecer a realidade concreta do estudante e família, além de articular a inserção das famílias como parceiras diretas da escola. São visitas realizadas pela equipe pedagógica da escola e acontecem no momento em que o discente se encontra no meio familiar, acontecem, no mínimo, uma vez ao ano, previstas no planejamento anual da escola (MST/ES, 2015).

A Atividade de Retorno permite intervir sobre uma situação problema diagnosticada a partir da pesquisa, levando os estudantes a refletirem e proporem ações de intervenção nesta realidade. Essa atividade pode ser organizada a partir de estudos realizados pelos educandos no Tema Gerador, quanto para intervir em situações problemas detectados pela comunidade a partir da pesquisa realizada. O desenvolvimento pode ser em um tempo curto, médio ou a longo prazo, culminando em atividades como seminários, oficinas, palestras e mobilizações (MST/ES, 2015).

A auto-organização insere-se na proposta da Pedagogia do Movimento como essencial ao trabalho coletivo e ao protagonismo dos estudantes. “Para tanto é preciso propiciar um tempo/espço para que os educandos e educadores se encontrem, discutam questões, tomem decisões necessárias para sua participação concreta no coletivo” (MST/ES, 2015, p. 42).

As narrativas das pesquisas demonstraram que a auto-organização envolve crianças da educação infantil, dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, como destaca Lindomar Panni (2015)

[...] a auto-organização, ela é um dos elementos trabalhado na escola de assentamento, considerado como um dos mais importantes que tem, porque ele é o espaço onde estudante [...] desenvolve o protagonismo. O fato de uma criança de quatro anos, ela coordenar um grupo, um turno todo da escola e ele ser concebido naquele espaço ali como uma autoridade diante dos outros, sem precisar de usar do grito, da força, como um coordenador de turno poderia estar fazendo, então isso é um avanço muito grande na educação, é algo que a gente tem que aprofundar e respeitar esse tipo de iniciativa dentro de uma escola [...].

O Trabalho de Conclusão de Curso permite o aprofundamento de determinado tema e envolve os estudantes do 9º ano e da última série do ensino médio, tendo como uma das primeiras ações no início do ano letivo o levantamento das “problemáticas de estudo de acordo com a realidade das comunidades camponesas, a partir das quais são definidas as temáticas a serem pesquisadas” (MST/ES, 2015, p. 41).

Sobre a mística, Pizetta (2002) a caracteriza como uma prática que se manifesta com teoria, conteúdo e ideologia, que, utilizando as categorias da dialética, evidencia-se

com conteúdo e forma. Esses dois aspectos se requerem e se impulsionam e, ao mesmo tempo, proporcionam o desenvolvimento político da militância e o fortalecimento da esperança no cultivo de um projeto.

Durante o diálogo com os estudantes da EMEIEF Assentamento Zumbi dos Palmares^{viii} sobre o Plano de Estudo, a mística foi evidenciada como um momento marcante e que eles gostam muito no cotidiano da escola. Perguntado às crianças qual parte do Plano de Estudo que mais apreciam, Gustavo Menon Silva (2015) foi taxativo: “Da mística”, quem completou o raciocínio foi Ariane A. dos Santos (2015): “Eu gosto da mística! E também que eu não sabia como que era o tempo passado, que eu não tinha nascido ainda, aí a mística traz muitas coisas sobre a ocupação, sobre os povos antigos. Assim, vai falando sobre o passado e a gente vai aprendendo mais”.

Esses elementos pedagógicos interagem entre si como mecanismos para garantir a efetivação dos princípios pedagógicos e filosóficos da educação do MST, com vivência dos principais tempos educativos desenvolvidos no cotidiano das escolas de assentamentos: tempo formação e mística, tempo aula, tempo estudo individual, tempo trabalho, tempo oficinas e atividades culturais, tempo seminário, tempo organicidade, tempo planejamento coletivo, tempo de integração dos coletivos (MST/ES, 2015, p. 50).

No norte do Estado do Espírito Santo, no período de 1985 a 1990 havia um total de 13 (treze) escolas, atendendo aos anos iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série). Com o avanço gradativo na conquista de áreas de assentamentos, ampliou-se também o número de escolas.

Em 2015 registra-se a existência de 26 (vinte e seis) escolas de Ensino Fundamental, sendo que 10 (dez) unidades ofertam o Ensino Fundamental completo e as demais apenas os anos iniciais, e em 13 (treze) há a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Existem, também, 17 (dezessete) escolas de Educação Infantil mantidas pelos municípios.

Assim, de uma pergunta que as famílias fizeram, no início do processo de luta pela terra “Que escola eu quero para meu filho ou filha?”, surge essa pedagogia que envolve as diversas matrizes pedagógicas rumo a uma educação que se encontra vinculada à luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o direito a educação dos e nos territórios camponeses (Caldart, 2012).

Considerações finais

As pesquisas “Trabalhadores em Movimento: Trajetória do MST e a Educação No/Do Campo no Norte do Estado do Espírito Santo” e “Educação do Campo em Movimento: dos Planos à Ação Pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)” possibilitaram, por meio da história oral temática, rememorar a trajetória do MST na luta por educação, evidenciando a construção de um projeto que valoriza os trabalhadores e trabalhadoras em seus diversos territórios camponeses.

Ao longo de sua trajetória, o MST demonstrou uma preocupação que vai além da luta pela terra, promovendo a igualdade e o respeito entre todos, sem distinção. O Movimento concebe a educação como instrumento para a construção e valorização de identidades e coletividades, reconhecendo nos sujeitos seus valores, modos de vida, memória e cultura.

A práxis do Movimento reflete-se no fazer educacional, compreendido como prática de formação humana e princípio educativo. Ademais, o próprio Movimento constitui um princípio educativo, conferindo singularidade à sua ação pedagógica. Nesse contexto, a Pedagogia da Alternância se mostrou apropriada para o contexto camponês, pois, associada aos princípios defendidos pelo Movimento, contribui para a valorização cultural e identidade dos sujeitos, promovendo sua formação integral.

A utilização da metodologia da história oral temática revelou-se fundamental para os diálogos realizados, permitindo acessar as experiências, memórias e percepções dos interlocutores, consolidando a compreensão da Pedagogia do MST como eixo articulador das práticas educativas nas escolas de assentamentos do norte do Espírito Santo.

Dessa forma, o objetivo do artigo — analisar a Pedagogia do MST como eixo articulador das duas pesquisas e destacar suas complementaridades nas narrativas dos interlocutores — foi plenamente atingido, evidenciando a centralidade da Pedagogia do Movimento na educação do campo.

Referências

- Alberti, V. (2005). Histórias dentro da história. In C. B. Pinsky (Ed.), *Fontes históricas* (1. ed., pp. 155–202). Contexto.
- Baldotto, O. L. G. (2011). *Trabalhadores em movimento: Trajetória do MST e a educação no/do campo no norte do estado do Espírito Santo* [Monografia, Universidade Federal do Espírito Santo].
- Baldotto, O. L. G. (2016). *Educação do campo em movimento: Dos planos à ação pedagógica em escolas multisseriadas e anos iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo].
- Begnami, J. B. (2004). *Uma geografia da pedagogia da alternância no Brasil* (Série Documentos Pedagógicos). UNEFAB.
- Caldart, R. S. (2000). A escola do campo em movimento. In C. Benjamin & R. S. Caldart, *Projeto popular e escolas do campo* (Coleção Por uma Educação Básica do Campo, no. 3, pp. 41–87). Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo.
- Caldart, R. S. (2012). *Pedagogia do movimento sem terra* (4. ed.). Expressão Popular.
- Ferreira, M. de M., & Amado, J. (2006). *Usos e abusos da história oral* (8. ed.). Fundação Getúlio Vargas.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17. ed.). Paz e Terra.
- Freire, P., & Guimarães, S. (2021). *Dialogando com a própria história*. Paz e Terra.
- Freitas, M. T. de A. (2012). As contribuições de Vygotsky e Bakhtin nas pesquisas em educação. In B. Fichtner et al. (Orgs.), *Cultura, dialética e hegemonia: Pesquisa em educação*. EDUFES.
- Gusson, M. Z. (2010, 6 de outubro). Entrevista. São Mateus, ES.
- Meihy, J. C. S. B. (2000). *Manual da história oral*. Loyola.
- Meihy, J. C. S. B., & Holanda, F. (2014). *História oral: Como fazer, como pensar*. Contexto.
- Morissawa, M. (2001). *A história da luta pela terra e o MST*. Expressão Popular.

MST/ES. (2015). *As diretrizes das escolas de assentamentos e acampamentos da rede estadual de ensino do Estado do Espírito Santo* [Documento em fase de aprovação].

Panni, L. (2015, 6 de maio). Entrevista. São Mateus, ES.

Pimenta, S. G., & Franco, M. A. S. (Orgs.). (2008). *Pesquisa em educação: Possibilidades investigativas/formativas de pesquisa-ação*. Loyola.

Pizetta, A. J. (2002). Apresentação. In A. Bogo, *O vigor da mística* (Caderno de cultura, n. 2, pp. 7–12). MST.

Santos, A. A. dos. (2015, 6 de maio). Entrevista. São Mateus, ES.

Santos, E. S. dos. (2015, 24 de junho). Entrevista. São Mateus, ES.

Santos, V. dos. (2010, 15 de outubro). Entrevista. São Mateus, ES.

Setor de Educação do MST. (2005). *Dossiê MST escola: Documentos e estudos 1990–2001* (Caderno de Educação, no. 13). MST.

Setor de Educação do MST/ES. (2015). *XXVII Encontro Estadual de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária – MST/ES*. Setor de Educação do MST/ES.

Silva, G. M. (2015, 6 de maio). Entrevista. São Mateus, ES.

Thompson, P. (1992). *A voz do passado: História oral* (L. L. de Oliveira, Trad.). Paz e Terra.

Thum, C., & Foerste, E. (2020). Memórias e culturas: Extensão-formação-pesquisa. In E. Foerste (Org.), *Culturas, parcerias e educação do campo*. Appris.

Contribuições de Autores

Ozana Luzia Galvão Baldotto: Desenvolvimento de pesquisa e escrita do texto.

Ailton Pereira Morila: Orientação na pesquisa, leitura e organização do texto.

Uso de Inteligência Artificial (IA)

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial na elaboração deste manuscrito.

Notas

ⁱ MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ⁱⁱ As entrevistas dos participantes dessa pesquisa estão disponíveis em: BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão. Educação do Campo em movimento: dos planos à ação pedagógica em escolas multisseriadas e anos iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES). 2016. Dissertação. UFES.

ⁱⁱⁱ As entrevistas dos participantes dessa pesquisa estão disponíveis em: BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão. Educação do Campo em movimento: dos planos à ação pedagógica em escolas multisseriadas e anos iniciais de São Mateus e Jaguaré (ES). 2016. Dissertação. UFES.

^{iv} MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST/ES. As Diretrizes das Escolas de Assentamentos e Acampamentos da Rede Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo. [S.l.: s. n..2015].

^v O MEPES se refere a uma Instituição Filantrópica, fundada em 1968, em Anchieta-ES. Mantém as EFAS, por meio de convênios de cooperação técnica e financeira com o Governo do Estado do Espírito Santo, em alguns casos, com os municípios.

^{vi} O Plano de estudo se refere à pesquisa realizada na família ou comunidade, vinculada ao tema gerador em estudo no período letivo.

-
- ^{vii} Também conhecida como Caderno da Realidade, Caderno de Planejamento e Reflexão; sem perder o objetivo pedagógico de integração com o meio escolar e o meio familiar.
- ^{viii} Escola localizada no Assentamento Zumbi dos Palmares, São Mateus/ES.